

Editorial

Dizem que a mulher é o sexo frágil,
mas que mentira absurda...
(Erasmus Carlos)

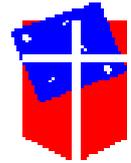
Até meados da década de oitenta, o clero da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil era exclusivamente masculino. Isso não significa que não houvesse ministério feminino. O ministério feminino sempre foi exercido na Igreja. O que não havia era o seu reconhecimento oficial. As mulheres sempre trabalharam muito ativamente na Igreja, em diversas áreas, sobretudo o trabalho missionário, a educação cristã, a visitação, aconselhamento e administração paroquial. Porém, quando se falava em "ordenação" propriamente dita, muitas vezes se levantavam em oposição, argumentando em prol da tradição, invocando textos bíblicos ou manifestando preocupações de cunho pastoral como a de dizer que "a Igreja ainda não estava madura" para tomar esse passo.

Esqueciam-se ou não queriam admitir que tanto a formação da "tradição eclesiástica" como a redação dos próprios textos bíblicos se deu numa época de acentuado machismo e preconceito contra as mulheres.

Em 1985 foram ordenadas as primeiras mulheres na IEAB. Desde então muitas outras tiveram seu ministério oficialmente reconhecido pela Igreja como precioso dom de Deus e expressão do ministério sacerdotal, profético e pastoral daquele que, pela sua morte e ressurreição, derrubou os muros de separação, venceu todas as formas de morte e entregou à Igreja o ministério da reconciliação.

Em setembro de 2005 a Igreja toda se alegrou com a celebração comemorativa dos 20 anos de ordenação feminina na IEAB. O evento, chamado "Encontro de Mulheres Ordenadas", aconteceu em Santa Maria, na mesma Diocese Sul-Occidental onde, pela primeira vez, uma mulher (Carmem Etel Alves Gomes) recebeu a estola sacerdotal resgatando nossas mais antigas tradições celtas. Todos sabemos da importância das mulheres na cultura celta e um número significativo de historiadores defende que a igreja celta reconhecia plenamente o ministério feminino. Teria sido no Concílio de Whitby (século VII) que o cristianismo daquela região passou a ser controlado por Roma e as mulheres, de protagonistas que eram na liderança da Igreja, passaram a ser subjugadas e controladas.

De fato, na história da teologia latina, desenvolveu-se desde muito cedo, certa desconfiança ou medo das mulheres. Talvez um dos principais (mas não o único) responsável por isso tenha sido Agostinho, como bem demonstrou a teóloga Uta Ranke-Heinemann em seu famoso livro *Eunucos pelo Reino de Deus*. Posteriormente, toda Centro de Estudos Anglicanos Idade Média viveu um período de insegurança no



qual, dentre outros, o medo que os homens alimentavam da personalidade feminina só acentuou ainda mais os preconceitos contra as mulheres. Sobre isso, vale a pena ler *História do Medo no Ocidente*, de Jean Delumeau (Companhia das Letras, 1993).

No Brasil, ao menos na IEAB, “a esperança venceu o medo”. Hoje são várias as mulheres ordenadas além de inúmeras as que desempenham seu ministério sem necessariamente receberem a ordenação oficial. Este número da revista *Inclusividade* é dedicado a comemorar essa significativa marca dos “20 anos de ministério feminino ordenado na IEAB” e a reafirmar nossa convicção de que muito ainda deve ser feito para minimizar os nocivos efeitos de séculos de estrutura patriarcal não apenas na teologia, mas também no modelo de exercício do ministério pastoral.

O artigo inicial, da lavra do Rev. Oswaldo Kickhöfel, apresenta importante registro histórico sobre o ministério feminino na IEAB e as circunstâncias que envolveram os debates conciliares e sinodais até 1984. Na seqüência, recuperamos um texto de Dom Sumio Takatsu, escrito em 1992, assim que a Igreja da Inglaterra aprovou a ordenação feminina ao presbiterado. Dom Sumio foi, no Brasil, um dos principais defensores da ordenação feminina e muito contribuiu para o esclarecimento de dúvidas de cunho bíblico, histórico e teológico na época das discussões.

Os artigos seguintes são as conferências apresentadas no Encontro de Mulheres Ordenadas da IEAB pela teóloga Bianca Daébs e as reverendas Patrícia Powers e Carmem Etel Alves Gomes. Bianca laerta para a necessidade de desconstruir os ranços antigos do patriarcalismo, enquanto Patrícia fala apaixonadamente de missão. Carmem, por sua vez, com a mesma paixão e intensidade enfatiza a importância de recuperar a mística feminina a partir do exemplo de Santa Teresa de Ávila e Joana Inês de La Cruz.

Na seqüência, duas outras contribuições oriundas de clérigas ordenadas nos últimos anos. Elisete Sandra Nunes, contribui com algumas reflexões sobre Lóide e Eunice, enquanto Lílian Conceição da Silva chama-nos a atenção para a importância da despedida na liturgia que celebramos. Finalmente, a revista traz a “Carta aberta à IEAB”, redigida pelas participantes do Encontro Nacional de Mulheres Ordenadas.

Que a maternidade divina nos embale durante a leitura, Rev. Carlos Eduardo Calvani
Editor e Coordenador do CEA